

em Conferência de imprensa

"ANÁLISE DA SITUAÇÃO POLÍTICA PELO PRESIDENTE SAMORA MACHEL"

— O que está em crise em Moçambique é a economia colonial capitalista. Essa crise não começou no dia da proclamação da Independência, em 25 de Junho de 1975. Principiou antes, muito antes e foi isso que fez acelerar a queda do colonial-fascismo português — afirmou ontem o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, durante uma conferência de imprensa que conduziu brilhantemente e a que estiveram presentes jornalistas nacionais e estrangeiros, mas especialmente destinada a estes.

A conferência teve lugar na sala de recepções do Palácio da Presidência a meio da tarde de ontem. A sala estava preparada para a conferência de imprensa: algumas filas de cadeiras onde se sentaram mais de trinta jornalistas de órgãos de informação — jornais, agências noticiosas, estações emissoras de rádio e de televisão, documentários de actualidades — provenientes da República Popular de Moçambique, de estados socialistas e capitalistas.

Jornalistas da R.P.M., da República Democrática da Alemanha, da República Popular da China, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, dos Estados Unidos da América, do Canadá, do Japão, do Reino Unido, da Grã-Bretanha acomodaram-se com os seus blocos de notas, as suas máquinas fotográficas, os seus gravadores, as suas câmaras de filmar, sobre a fileira de cabos eléctricos que juntava o chão, frente à larga mesa revestida por uma cobertura vermelha onde foram depositados microfones e gravadores.

Enquanto se aguardava a entrada do Presidente Samora Moisés Machel, ultimavam-se

os preparativos técnicos feitos para a conferência de imprensa que se ia desenrolar a seguir, preparativos feitos silenciosamente e na melhor ordem.

Na parede do topo, bastante atrás da grande mesa, e pendurado sobre o reposteiro creme que lhe servia de pano de fundo, o Emblema Nacional de grande diâmetro e a cores. Ladeando-o, as Bandeiras Nacional e da FRELIMO e o estandarte presidencial. Tudo isto intensamente iluminado pelos fortes projectores do cinema e da televisão.

Antecipando a entrada do Presidente, tomaram lugar na sala: o governador da Zambézia, Bonifácio Gruveta; o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Cargela de Mendonça; o director-adjunto da Divisão de África e Médio Oriente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Karimo Varzima; o director da Divisão de Estudos de Planeamento e Informação, do M.N.E., José Marinho; o director do Protocolo do M.N.E., Lopes Tembo; o director do Gabinete da Presidência, Sérgio Vieira; o responsável pela Direcção Nacional de Informação, do Mi-

nistério de Informação, Muradali Mamadhusen.

ALO JORNALISTAS!

Um pouco depois das 15.30 horas, o Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, deu entrada na sala, seguido do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, e do Ministro da Informação, Jorge Rebelo.

Entrou no seu usual passo cadenciado e militar, sorrindo e irradiando boa disposição. Ao passar entre os homens da imprensa, saudou-os: — «Alo jornalistas!»

A partir dali e depois de uma pequena introdução preparatória do Ministro da Informação, o Presidente Samora Machel «agarrou» literal e totalmente a atenção dos presentes.

Samora Machel respondeu a uma série de questões versando política interna e política externa, com uma prontidão e uma vivacidade que mantiveram a assembleia em suspenso, até ao fim das quase duas horas que durou a reunião e que se escoaram rapidamente.

Frequentemente, Fernando Hanwana que servia de inter-

prete de inglês via-se em dificuldades para acompanhar o ritmo imposto às respostas pelo Presidente.

A guerra no Zimbabwe, a situação económica de Moçambique, as relações com Portugal, o apoio de outras nações, a debandada dos colonialistas portugueses foram pontos focados em questões postas pelos repórteres que, algumas vezes, se surpreenderam com a ironia das respostas dadas pelo Presidente, que nunca deixou de sorrir, a algumas perguntas que não conseguiam esconder o seu tom provocatório.

Assistiu-se, por vezes, mais a um diálogo entre o Presidente e um jornalista, que acabava em lição política, do que ao formalismo rigoroso da pergunta-resposta de uma conferência de imprensa.

Para os jornalistas a reunião foi uma conferência de imprensa diferente.

INÍCIO DA REUNIÃO

O Ministro da Informação Jorge Rebelo, fez uma curta introdução assim que o Presidente da República ocupou o seu lugar. Disse aos jornalistas das razões que levaram o Presidente Samora Machel a conceder a conferência de

Imprensa: as constantes solicitações de órgãos de informação nacionais e estrangeiros no sentido de o chefe de Estado moçambicano lhes dar a conhecer a nossa realidade.

Antes de dar início à conferência de imprensa propriamente dita o Presidente da FRELIMO dirigiu primeiramente algumas palavras aos jornalistas presentes.

Pensamos que é muito útil e produtivo a preocupação de todos os jornalistas — começou por afirmar Samora Machel — porque os jornalistas representam uma grande parte da opinião pública do mundo e representam também as preocupações profundas da humanidade. Todos os que querem conhecer a evolução da História e o desenvolvimento da sociedade fazem-no em grande parte através dos jornalistas. Querem conhecer a justiça. Querem conhecer a injustiça. Pensamos que essa responsabilidade cabe aos jornalistas ao transmitirem-na correctamente.

O conflito que existe no mundo é interpretado pelos jornalistas. O conflito entre a miséria e a opressão que é exercida por certas potências no nosso planeta deve ser interpretado pelos jornalistas. Os jornalistas devem interpretar estes fenómenos. Fenómenos de transformação no mundo. Por isso achamos justa e correcta a preocupação de todos os jornalistas. Porque é a preocupação do nosso planeta, em todos os continentes e de toda a humanidade.

Seguidamente apontando o centros das atenções dos membros da informação e relacionando-os com os problemas principais enfrentados pela humanidade, o Presidente Samora Machel acrescentou:

As atenções e preocupa-

ções do passado estavam na Ásia, principalmente no Sueste asiático e, mais particularmente ainda, no Vietname durante umas três décadas. A partir de 1967 para cá as preocupações de todo o mundo estão no Médio Oriente. Do início da década de sessenta até 1974 viraram-se para o continente africano, particularmente para as colónias portuguesas.

O que é que se procurava no Sueste asiático: a paz e o progresso. E isso já foi conseguido. Uns apoiaram a justiça. Outros apoiaram a injustiça. Mas a causa justa triunfou no Sueste asiático. As ideias erradas não impediram a vontade do povo asiático e do povo do Vietname de triunfar. Não destruíram a determinação do povo em se libertar. Hoje continua a falar-se assim do Médio Oriente. As colónias portuguesas já triunfaram, mas uns apoiaram o colonialismo considerando o colonialismo o sistema mais civilizado. Aquele que representava o Ocidente e representava a civilização mais avançada, a civilização cristã... E tinham a luta de libertação nacional em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique como lutas injustas. Mas atingida a independência, já todos estão unidos. Há muitas maneiras de ganhar a guerra e há muitas maneiras de vencer a opressão. No entanto devemos sempre opor a violência justa à violência injusta.

O QUE HÁ NO ZIMBABWE

Hoje fala-se do Zimbabwe. Analisemos o que se passa. O que é que há no Zimbabwe. Existe opressão. Existe repressão. Existe discriminação ra-

cial. Existe dominação da minoria contra a maioria. Existe humilhação. Existem assassínios. Existe o banditismo. Existe um governo racista ilegal. Existe o fascismo. E nós somos contra todos esses males. O nosso dever então é apoiar a luta do povo para se libertar. Mas ainda há dúvidas em alguns países onde a luta justa do povo do Zimbabwe é interpretada como uma luta contra o branco. Portanto, é desta maneira que nós situáramos a nossa discussão; porque a opressão, para alguns, representa a civilização avançada; porque a exploração que existe no Zimbabwe para alguns é justa, é necessário que haja exploração. A dominação da minoria em relação à maioria para alguns é justa e correcta. Deus fez o mundo desta maneira: pobres e ricos. Portanto, alguns acham que a situação no Zimbabwe é aceitável porque é justa e porque a opressão deve ser eterna!

Primeiro, perguntáramos a todos nós que representamos os nossos povos e países e que representamos a opinião internacional se estamos de acordo com a luta do povo do Zimbabwe pela sua liberdade e independência ou não!

E o que devemos fazer para que o povo de Zimbabwe alcance a sua independência?

Samora Machel interrogou então os jornalistas presentes se apoiavam a liberdade do povo de Zimbabwe. A resposta prontamente afirmativa de alguns dos homens da informação seguiram-se então as perguntas ao dirigente máximo da revolução moçambicana.

Uma jovem jornalista do Canadá Board fez incidir a

sua primeira questão sobre a forma como a última cimeira de Lusaca abordou o problema da unificação das diversas facções existentes no Zimbabwe.

Em primeiro lugar quero lembrar que não é o povo que está dividido. O povo do Zimbabwe está unido contra o inimigo comum, Ian Smith. Algumas opiniões dizem que o povo do Zimbabwe está dividido. Mas nós temos a certeza que a luta armada no Zimbabwe vai permitir a unificação das direcções existentes no Zimbabwe. Trata-se essencialmente de duas organizações importantes, a ZANU e a ZAPU. Se os combatentes, os soldados, forem capazes de ultrapassar qualquer obstáculo será mais fácil ao nível da direcção unir-se. A luta armada é o purificador das ideias erradas e das ideias correctas. É o melhor seleccionador. E sem uma unidade não pode haver luta armada. Por isso, nós pensamos que as duas facções do ANC vão unir-se, porque se não se unirem essas facções serão ultrapassadas, porque os combatentes são apoiados pelo povo do Zimbabwe e a luta que existe no Zimbabwe é uma luta generalizada. Uma luta não contra o branco. Uma luta não contra os civis ou contra crianças, mas uma luta contra as forças de opressão e contra o regime ilegal de Ian Smith. Por isso pensamos que será fácil a unificação das duas facções.

APOIO A MOÇAMBIQUE

Se Moçambique já recebeu ajuda em relação às sanções aplicadas à Rodésia, constituiu o tema da segunda questão levantada pela mesma

jornalista. Ao que o Presidente da FRELIMO disse:

O Conselho de Segurança reuniu-se e aprovou as sanções, apoiou as medidas tomadas pela República Popular de Moçambique. A Comunidade Britânica enviou os seus representantes para conhecer de perto as necessidades imediatas da República Popular de Moçambique. A Comunidade Económica Europeia enviou também os seus representantes para conhecer de perto e investigar quais são as necessidades da República Popular de Moçambique que resultam das sanções aplicadas contra a Rodésia. Diríamos em resumo que uma corrente de solidariedade internacional apoia Moçambique. Para além de que inúmeros países unilateralmente contactam com Moçambique. Países capitalistas, países socialistas contactam também com a República Popular de Moçambique, assim como também as organizações democráticas de massas de todo o mundo contactam com a República Popular de Moçambique para nos ajudar.

Por tudo isto, pensamos que temos um apoio bastante positivo. Só pelo facto de a comunidade internacional se pronunciar a favor das medidas tomadas pela República Popular de Moçambique já é um apoio positivo. O facto de a comunidade internacional condenar vigorosamente o regime ilegal de Ian Smith isso já é uma grande contribuição para Moçambique e para o povo do Zimbabwe.

O DISCURSO DE CALAGHAN

Uma referência ao discurso de Calaghan, Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, foi igualmente, a pedido ainda daquela jornalista, objecto de algumas palavras do Presidente da República Popular de Moçambique:

A declaração do Sr. Calaghan é positiva, mas precisa de ser analisada. Fala de transferência de poderes para maioria. Em primeiro lugar também faço uma pergunta: quem transfere os poderes e para quem os transfere? Ian Smith vai transferir os poderes para a Inglaterra ou para o Zimbabwe? Se é o Ian Smith que transfere os poderes para a maioria pensamos que o período é muito longo. Ian Smith, quando em 1965, declarou a independência unilateral não precisou do período de transição, no entanto, o seu Governo apesar do isolamento em que se encontra conseguiu sobreviver o nze anos. É por isso também que ele não tinha gente habilitada para o Governo porque não existem escolas de governação. Se então é o Ian Smith que deve transferir os poderes pensamos que essa transferência deve ser imediata. Se a Inglaterra pretende recuperar de novo a Rodésia como sua colónia para negociar com os nacionalistas então isso tem um outro aspecto.

Neste caso, primeiro, a Inglaterra tem de apoiar a luta, acelerar a queda do regime ilegal. Então a Inglaterra deve negociar com os nacionalistas do Zimbabwe e aí encontrará a fórmula e o período de transição com os

nacionalistas do Zimbabwe. Com a nossa experiência, pensamos que é impossível um Ian Smith com os nacionalistas no Governo de Transição. O período de transição é um período crucial e muito difícil. Com a nossa experiência em Moçambique (e aqui note-se que não estamos a falar dos zimbabwes) se fosse com o povo moçambicano nós proporíamos que a Inglaterra recupere a colónia e imediatamente negocie com os nacionalistas. Isto claro, no caso de ser a Inglaterra a transferir os poderes.

Samora Machel prosseguiu ainda esta análise afirmando que, no caso desta situação de transferência de poderes por parte da Inglaterra surgir e caso o problema se passasse com o povo moçambicano, proporia como período de transição mínimo 8 meses e máximo 12 meses. Especificando e a finalizar esta questão disse que o ponto principal do problema a que se referiu Calaghan, é saber quem transfere os poderes e para quem.

O facto de o Botswana ainda não ter encerrado as suas fronteiras com a colónia britânica da Rodésia do Sul constituiu a questão seguinte, colocada pelo correspondente da «TASS».

O Botswana é um Estado soberano, independente de tomar as suas decisões. Portanto, não posso falar das resoluções que deve tomar um Estado soberano — disse Samora Machel, passando a abordar imediatamente a seguir o desenvolvimento das relações de Moçambique com os países socialistas, problema

também levantado por aquele correspondente.

As nossas relações com os países socialistas não são novas Vêm de há muito. Em primeiro lugar são relações de igualdade. As nossas relações são fundadas numa base de respeito mútuo, de igualdade, de não ingerência nos assuntos internos de cada país. Em segundo lugar, permitir-nos-á a nós que vivemos no terceiro mundo, um desenvolvimento industrial, um desenvolvimento económico e, isso, temos muitas esperanças nos países socialistas.

Em resposta a esta questão, Samora Machel teve mais uma vez oportunidade de recordar que os países socialistas, enquanto zonas libertadas da humanidade constituem, através do seu apoio, um factor importante na libertação dos povos oprimidos. Para resumir esta questão, o Presidente da FRELIMO acrescentou que as relações com todos os países socialistas são excelentes.

SMITH NO MANICÓMIO

A pedido do correspondente da agência «Reuter», o Presidente Samora Machel descreveu em linhas gerais o resultado da cimeira de Lusaca, tendo salientado que neste histórico encontro se constatou que o cavaleiro branco (Ian Smith), já não serve nem para ser montado. Constatou-se ainda, que o representante do imperialismo, Ian Smith «é irresponsável» e que «Ian Smith encontra-se num estado de agonia e desespero e, portanto, quer destruir fu-

do o que a Inglaterra construiu na Rodésia».

Mais adiante, o Presidente da República Popular de Moçambique acrescentou:

«Comentários que o Ian Smith quer dar a impressão que todos os brancos o apoiam na sua aventura. Mas encontramos também que uma grande parte dos brancos da Rodésia não apoiam Ian Smith. E pensamos que Smith podia encontrar uma saída elegante, que ainda vai a tempo para encontrar uma solução».

Sobre a ruptura das conversações Nkomo-Smith, o Presidente Samora Machel referiu que esta situação resulta da loucura de Smith e que para evitar ainda maiores prejuízos na Rodésia, a Inglaterra devia internar Ian Smith num manicócio.

Sobre a luta armada no Zimbabwe, Samora Machel sublinhou que existia por parte dos quatro Chefes de Estado, reunidos em Lusaca, uma ideia comum em favor da guerra popular prolongada. Para melhor fazer compreender a justiça desta ideia, o dirigente máximo da Revolução moçambicana afirmou:

Os pretos na Rodésia têm complexos de inferioridade inculcados pelos racistas rodésianos. Em segundo lugar, os brancos da Rodésia têm complexos de superioridade em relação ao negro. Portanto, uma guerra popular prolongada vai libertar as largas massas populares desses complexos de inferioridade. E, por outro lado, essa guerra vai libertar a energia criadora para o povo contra as suas próprias forças. Em terceiro lugar, isto vai permitir

a criação das zonas libertadas, zonas de experiência, onde se aplicam os métodos para a administração do país. Aí se criará o sentido económico popular. Vão aprender colectivamente de forma a estabelecer uma ruptura com o sistema podre e decadente na Rodésia. Isto em relação aos negros. Em relação aos brancos que estão fechados, e que são especiais porque para eles não há outro mundo, só conhecem a palma das suas mãos, para eles só existe a Rodésia. Para eles a História não está em evolução, não há processo, não há desenvolvimento. Vivem em África mas não são africanos. Por isso a guerra vai ajudar esses brancos, vai descolonizá-los, vai destruir neles o mito da superioridade sobre o negro. Vão-se descobrir (não digo redescobrir), vão descobrir que eles são iguais aos outros. Vão descobrir que todos os homens são iguais. Por isso, a guerra vai dar uma consciência revolucionária ao povo do Zimbabwe e, por outro lado, desenvolvê-los para que haja unidade nacional em Zimbabwe, entre os homens de todas as raças e de todas as cores.

CRISE ECONÓMICA

A situação económica em Moçambique constituiu uma outra questão posta pelo mesmo correspondente. A este propósito o Presidente Samora afirmou:

Há uma situação de crise, crise económica, mas essa crise não começou no dia 25 de Junho com a proclamação da Independência. Não foram as liberdades da Independência que trouxeram a crise econó-

mica. O colonialismo português caiu precisamente porque estava em crise económica, o que sustentou o colonialismo português ao longo de muitos anos foi a situação económica. Quando a situação em Moçambique se tornou catastrófica o colonialismo português foi derrolado. Portanto o que está em crise em Moçambique é a situação colonial capitalista. Se a «Reuter» me perguntasse que é que vocês fazem para gerir esse colonial capitalismo, eu responderia assim: Nós somos incompetentes para gerir o capitalismo em Moçambique, não temos qualificações para gerir o capitalismo em Moçambique, não temos qualidades nem capacidade para isso. Agora se me perguntasse o que é que fazemos para restaurar a economia livre do colonial capitalismo, a isso eu responderia, mas como não perguntou não respondo.

CONSTRUIR CIDADES

Este mesmo enviado da agência «Reuter» levantou ainda outra questão segundo a qual existiria uma política no sentido de encorajar a população a abandonar as cidades.

Resposta de Samora Machel:

Se pusesse isso ao contrário? Existe uma política de encorajar as populações a construir cidades? Abandonam as cidades e para onde vão? Para ir construir novas cidades. Não é verdade! Na cidade existe um grande desenvolvimento económico. Onde existem actividades produtivas está a cidade. A cidade nasce do campo. Não

é o campo que nasce da cidade. Por isso existe uma política no sentido de encorajar as populações a construir mais cidades para o nosso País. Parece que esta é a nossa política.

Depois de pormenorizar os factores sócio-económicos que, segundo uma política correcta dão origem às cidades, Samora Machel abordou o problema da falta de géneros alimentícios existentes principalmente nos grandes centros urbanos. Acerca deste assunto o Presidente Samora lembrou a discriminação anteriormente existente na distribuição dos géneros alimentícios, por um lado, enquanto que, por outro lado, novas condições sócio-económicas determinaram uma maior procura por parte de um amplo sector da população.

QUEM SAI DE MOÇAMBIQUE

«Quem faz sempre essas perguntas não é só a «Reuter» — disse Samora Machel a propósito de determinados portugueses que estão a sair do País. É aquele mundo que sempre apoiou o colonialismo português em Moçambique. Por isso, hoje, depois de derubado o colonialismo em Moçambique, esse mundo diz que toda a gente está a sair de Moçambique. Quando saem duzentos mil portugueses o povo moçambicano está a sair? Dez milhões não é gente! O Ocidente está alarmado. Quem sai são os colonialistas. Caiu o colonialismo e eles vão atrás dele. Estão habituados a viver no colonialismo e não na liberdade. Por isso são esses mesmos que espalham essa propaganda de que toda a gente for-

São aqueles que durante a guerra de libertação nacional estiveram ao lado do colonialismo português e nunca estiveram ao lado do povo moçambicano. São aqueles que sempre disseram que a nossa luta era movida por interesses alheios, que era a China, que era a União Soviética, que eram os países comunistas que moviam a vontade do povo moçambicano. Era para servir os interesses alheios! São os mesmos que hoje insultam a nossa República. A isso respondo eu já: é o racismo do branco em relação ao negro. O racismo muda também de interpretação muitas vezes. Quando eu era miúdo, ia sempre à igreja, mas os padres brancos, europeus, diziam-me: «O que é que tu vais fazer à igreja? Tu podes ir para lá, mas Deus não te ouve! Deus é branco! Não é preto. Já viste alguma vez um Santo preto! Já viste alguma vez um preto depois da morte ir para o céu!» Hoje já sou adulto estou em contacto com a revolução e dizem: «O Chissano é um marxista-leninista. Mas ele é negro não pode ser marxista-leninista.» O marxismo-leninismo é uma superstição ou uma ciência? Nós pensamos que todas as raças estão em condições de dominar a ciência. Quem diz que o preto não é capaz de dominar a ciência é um racista. É por isso que perguntam sobre as bichas e dizem que os selvagens estão a invadir a cidade. E precisamente porque os selvagens já estão livres. Já não estão na palhota. Já não estão isolados. Também vêm à cidade.

Mais adiante Samora Machel acrescentou:

Um assunto que está relacionado com este é o das prisões. Dizem que há muitas prisões em Moçambique. Quando nós prendemos quinhentos moçambicanos pretos e prendemos três portugueses todo o Ocidente vai reagir. Todo o mundo vai reagir: «Como é isso então os pretos também já prendem brancos!» Aqui havia nas prisões — na Machava — degolamentos diariamente. E o Ocidente nunca reagiu. Era a civilização! E a Ilha do Ibo, bem como em todo o nosso país! Prisões e campos de concentração. Mas nunca houve reacções. Mas se prendemos três portugueses... «Oh o que é isto! Selvagens, selvagens!»

Isto é racismo.

Estamos a substituir os portugueses que se vão embora por homens de todas as nacionalidades, de todos os países, de todas as raças.

AS NEGOCIAÇÕES SMITH-NKOMO

Sobre uma outra questão levantada por um correspondente japonês, acerca da luta armada no Zimbabwe, o Presidente Samora Machel frisou de novo que «a luta armada é o agente unificador, porque a luta armada define correctamente o inimigo, define correctamente a estratégia, define correctamente os alvos, por isso há facilidade de unificar a direcção no Zimbabwe».

Quanto ao falhanço das negociações entre Nkomo e Smith, as palavras de Samora Machel traduziram-se de novo numa caracterização da incapacidade de Smith para acei-

tar qualquer proposta tendente a melhorar a situação no Zimbabwe. No entanto no que respeita à posição que de agora em diante deverá tomar Nkomo, o Presidente da FRELIMO afirmou:

«Nkomo disse que se falhassem as conversações seria intensificada a luta armada. Portanto parece que já é momento de o fazer. Ele não pode lutar sozinho, tem de se juntar aos outros porque não é um Dom Guixote».

Através do apoio que Moçambique dá aos combatentes do Zimbabwe foi possível desencadear a luta armada. Segundo, a assistência que o povo de Moçambique continua a dar aos combatentes do Zimbabwe é positiva. Terceiro, a abertura de muitos campos de produção em apoio à luta do Zimbabwe, em solidariedade para com o povo do Zimbabwe, é o resultado da consciência que tem o povo de Moçambique e que a luta de libertação no Zimbabwe é a nossa luta. A construção de abrigos em todo o nosso território é o resultado da consciência de que o Ian Smith é um irresponsável — afirmou adiante Samora Machel quanto às formas de apoio concretas de Moçambique para com o povo de Zimbabwe.

O desenvolvimento das relações entre a Holanda e Moçambique, principalmente no domínio técnico, constituiu também outra questão colocada por um membro da informação daquele país.

Ao que o Presidente da FRELIMO disse:

«Na Holanda existe uma fundação chamada Eduardo Mondlane. Na Holanda, durante a luta de libertação criou-se um comité chamado «Angela Comité». Durante a

guerra colonial, a Holanda levantou questões no seio da OTAN. Por isso apreciamos o apoio que dá para a construção de Moçambique e pensamos que desenvolveremos essa cooperação.

RELAÇÕES COM PORTUGAL

Qual a atitude de Moçambique para com Portugal e com o actual Governo português? Como será a atitude de Moçambique para com Portugal se houver uma mudança de Governo em Portugal? — perguntou seguidamente um outro jornalista, da «Tvevs» de Los Angeles, E.U.A.

Ao que o Presidente da República Popular de Moçambique respondeu:

«Esta pergunta é de 1965, quando o Salazar estava vivo! Quando o Salazar estava vivo dizia-se: «O que é que a FRELIMO espera no caso de Salazar ser derrubado? E o Salazar caiu em 1968. Entrou Marcelo Caetano. Disseram então que o Marcelo Caetano modificaria a situação em Portugal, portanto seria melhor nas colónias portuguesas. Nós dissemos que a situação em Portugal seria transformada pelo desenvolvimento da luta nas colónias portuguesas. É isto, para alguns há um cheiro a racista. Porque para esses não podem ser os pretos a modificar a situação na Europa. Deve ser a Europa a modificar a situação em África, mas nós invertemos a história. E mesmo assim não estão convencidos disso. A consciência que tomaram os oficiais das forças armadas era uma consciência ganha ao longo das guerras coloniais, a Universidade e a Academia Militar tomaram as florestas africanas. Nós

...eram no desenvolvimen-
to económico em Moçambi-
que sem ter nada a ver com
Portugal. O desenvolvimento
em Moçambique está total-
mente desconectado do desenvolvi-
mento da situação em Portugal. Agra-
ra não directamente a per-
gunta para Portugal é um
Estado soberano, Moçambique,
a partir de 25 de Junho de
1975, também. Por isso não
temos nada que esperar que
Portugal modifique o seu Go-
verno e a sua situação.» Pois
eu também poderia perguntar
o que é que Portugal espera-
se o Governo britânico fosse
mudado. Nada, porque é uma
relação de igual para igual
são dois países diferentes.
Portanto, nós pensamos que a
mudança do Governo portu-
guês só diz respeito ao povo
de Portugal. Nós temos a po-
lítica de não ingerência nos
assuntos internos. Esta é a
base das nossas relações com
Portugal. E cada Estado tem
o direito de tomar as medidas
que lhe convém.

O PRESIDENTE E O JORNALISTA BRITÂNICO

Finalmente, foi chamado
pelo Ministro da Informação,
que apresentava os jornalistas,
segundo os órgãos de infor-
mação que representavam, o
enviado de uma televisão (in-
dependente da Inglaterra.

Travou-se um diálogo mui-
to vivo entre o Presidente
Samora Moisés Machel e o
jornalista britânico que me-
rece ser reproduzido fiel-
mente.

Tanto quanto os nossos
meios técnicos nos permiti-

tem vamos tentar fazê-lo.

Jornalista — Uma das
grandes preocupações do Oci-
dente é que na situação da
Rodésia os Russos vão-se
aproveitar para trazer os
seus conselheiros e tropas
cubanas.

Presidente — E por que
não os Americanos? Por que
se não-de os Russos apro-
veitar da situação e não os
Americanos? Ou os Ingleses?
Parece-nos que na nossa
época, o maior número de
mercenários é Inglês. Do que
tamos ouvido, a maior par-
te do recrutamento de mer-
cenários para Angola e ago-
ra para o Zimbabwe faz-se
entre mercenários ingleses.
Por que não fala desses mer-
cenários? E porque é que te-
mos medo dos Russos e dos
Cubanos?

Jornalista — Deixe-me res-
ponder a essas perguntas.
Primeiro que tudo, o exér-
cito britânico não tem ca-
pacidade para ajudar e de-
pois vós sois marxistas e os
americanos não são. E, em
terceiro lugar, os Russos já
mostraram as suas intenções
na África Austral.

Presidente — E os ame-
ricanos ainda não a mestra-
ram? A base de Diego Gar-
cia? Os Franceses na Ilha
Maiotte? Ainda não mostra-
ram? Só os Russos?

Jornalista — Penso que
os Russos vão entrar. Se os
americanos vão entrar é ou-
tra pergunta.

Presidente — E perguntar

aos Russos... Pergunte aos
Russos se querem vir ou
não? Eu não respondo por
eles.

Jornalista — Estou a pe-
dir para esclarecer uma
preocupação ocidental, se-
gundo a qual os Russos po-
derão vir. Portanto, será que
é possível declarar aqui nes-
ta conferência de Imprensa
que não permitirá aos Rus-
sos e aos Cubanos desem-
barcar nos portos...

Presidente — Aonde? Nós
estamos independentes! Esta-
mos a falar do Zimbabwe.
Se eles querem intervir no
Zimbabwe? Esta é uma per-
gunta feita aos zimbabwes.
Cada povo é independente
de escolher os seus amigos.
Cada povo é independente
de escolher os seus aliados.
Cada povo é independente de
escolher o seu sistema de
desenvolvimento. Cada país é
independente de escolher as
suas profissões. Cada país é
independente de escolher o
exército que quiser.

Jornalista — Mas se os
zimbabwes quisessem o au-
xílio de Cuba teriam de uti-
lizar os portos moçambica-
nos.

Presidente — Vamos dei-
xar os Russos e os Cubanos
pedirem para utilizar os nos-
sos portos e depois poder-
me-á fazer a pergunta.

Jornalista — Então a res-
posta é que ainda não de-
cidiu se os Russos podem...

Presidente — Não! Ainda
não fizeram o pedido!

Jornalista — Com todo o
respeito, Senhor Presidente,
se eles pedissem qual seria
a sua resposta?

Presidente — Se... se...
Mas eles ainda não pedi-
ram... Vejamos na prática
primeiro, não acha? Durante
a Luta de Libertação de Mo-
çambique nós pedimos a eles
para que nos ajudassem na
nossa luta. E ajudaram-nos.
Deram-nos armamento. De-
ram todo o tipo de equipa-
mento. Com essas armas der-
rubamos o colonialismo por-
tuguês. E hoje estamos jun-
tos a conversar à custa des-
sas armas.

Jornalista — Então nós po-
demos ver a implicação des-
sas afirmações. Podemos ler
nas entrelinhas...

Presidente — Não. Não! Fa-
lo apenas de Moçambique.
Quanto ao Zimbabwe já dei
a resposta. Deixe os Russos e
os Cubanos fazer o pedido.
Depois há-de me perguntar.
Para já devia pedir aos zim-
babwes se precisam dos Rus-
sos e dos Cubanos? E aqui es-
tá de novo o racismo: «Os pre-
tos não podem vencer a guer-
ra sem ajuda dos brancos».
Mas nós derrubamos os colo-
nialistas brancos aqui em Mo-
çambique. Após 12 anos de
guerra foram vencidos na
Guiné. Em Angola, ao fim de
13 anos foi derrotado o colo-
nialismo português. Os Sul-
-Africanos queriam substituir
os portugueses e então foram
carne para canhão. Foram hu-
milhados.

Jornalista — Disse-nos agora, que utilizou durante dez anos armas russas e que, sem as armas russas, talvez não estivéssemos aqui. Por isso, talvez os zimbabwes precisam de armas russas para derrotarem os rodesianos...

Presidente — A Inglaterra está pronta a dar armas ao povo do Zimbabwe?

Jornalista — Senhor Presidente, eu não sou o Primeiro-Ministro britânico... (risos do Presidente e de todos os assistentes).

Por último. Samora Moisés

Machel, fez uma referência ao significado histórico das cimeiras entre os quatro Presidentes. a última das quais realizada há três dias em Lusaca, cimeira esta que não foi um «conselho de guerra», mas sim como todas as outras anteriores um encontro entre amigos para debater problemas comuns, tal como desde há anos têm vindo a fazer.

Com um «Obrigado, jornalistas», o Presidente deu por terminada a conferência de imprensa que muitos presentes consideraram uma «magistral lição de política».

(De: "Noticias", Maputo, 1976-03-27)